

**OS SENTIDOS DE *FELICIDADE* EM TEXTO DE AUTOAJUDA:
ARGUMENTAÇÃO, DESIGNAÇÃO E TEXTUALIDADE**

**THE MEANINGS OF *HAPPINESS* IN SELF-HELP TEXTS: ARGUMENTATION,
DESIGNATION, AND TEXTUALITY**

Gabriel Leopoldino dos Santos¹

Data de recebimento do texto: 26/03/2024

Data de aceite: 23/04/2024

Resumo: O presente texto tem por objetivo analisar os sentidos de “felicidade” em enunciações de autoajuda. Para isso, tomaremos como nosso objeto de análise enunciados recortados da obra *O guia do sucesso e da felicidade: conselhos de sabedoria de grandes pensadores*, um *best-seller* escrito a várias mãos com o intuito de fornecer chaves para o sucesso e felicidade. Estruturadas a partir do dispositivo teórico-metodológico da semântica do acontecimento, as análises apresentadas mostram que os sentidos de “felicidade” no acontecimento enunciativo do referido texto são determinados por uma argumentação que sustenta que a felicidade, assim como o sucesso, é uma conquista pessoal. Mesmo que ela possa ser uma dádiva divina, ela é um presente ao indivíduo que, por seu esforço, é merecedor de felicidade (e sucesso).

Palavras-chave: Autoajuda. Argumentação. Designação. Textualidade. Felicidade.

Abstract: This text aims to analyze the meanings of “happiness” in self-help enunciations. To this end, we will take as our object of analysis statements excerpted from the work *Your guide to success and happiness: collected wisdom of the world's greatest thinkers*, a best-seller written by several authors with the aim of providing keys to success and happiness. Structured on the theoretical-methodological device of the Semantics of Events, the analyses presented show that the meanings of “happiness” in the enunciative event of the aforementioned text are determined by an argument that maintains that happiness, like success, is a personal achievement. Even though it may be a divine gift, it is a gift to the individual who, through his or her efforts, is deserving of happiness (and success).

Keywords: Self-Help Book. Argumentation. Designation. Textuality. Happiness.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). E-mail: gabriel.leopoldino@ifsp.edu.br

Introdução

De acordo com dados obtidos a partir da pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, coordenada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e realizada pela Nielson Book do Brasil, obras do gênero “autoajuda” estão entre as mais produzidas no mercado editorial brasileiro. Em 2023, 7.590.171 de exemplares foram publicados no país, o que representa uma participação de 2,37% desse mercado. Parece muito pouco, à primeira vista. No entanto, se pensarmos que, no Brasil, segundo informação publicada no portal de notícias G1, também no ano de 2023, 84% da população brasileira acima de 18 anos não comprou nenhum livro durante o ano, 2,37% são um número expressivo diante desse cenário.

Um dado menos objetivo e mais difícil de lidar é aquele que diz respeito à motivação que leva um determinado leitor a ler um livro de autoajuda. Busca por desenvolvimento pessoal, bem-estar emocional e soluções práticas para a vida cotidiana poderiam ser possíveis aproximações a essa questão. Neste artigo, contudo, não nos debruçaremos sobre as motivações dos leitores, uma vez que nosso foco será olhar para o texto, isto é, para o modo como a argumentação é construída num texto do gênero autoajuda. Ao fazermos isso, teremos condições de pensar – embora este também não seja o escopo do nosso trabalho – em como esse modo de argumentar convoca leitores de um certo tipo para a leitura do texto.

Frente ao que se acaba de dizer, o presente artigo objetiva, especificamente, analisar o funcionamento semântico-argumentativo da designação da palavra *felicidade* no acontecimento enunciativo da obra *O guia do sucesso e da felicidade: conselhos de sabedoria de grandes pensadores*, um *best-seller* escrito a várias mãos, cuja proposta é reunir, segundo consta no texto de introdução à obra, “conselhos atemporais que ainda possuem a mesma força de quando foram escritos”.

Dessa forma, assim como os outros trabalhos que integram o atual número da revista, este toma a felicidade como um objeto linguístico e não como um objeto filosófico, psicológico ou mesmo teológico, o que aponta para um esforço intelectual coletivo de mostrar que os linguistas também podem falar da felicidade!

A reflexão analítica que levaremos a cabo aqui estará baseada no dispositivo teórico-metodológico da semântica do acontecimento, sobre a qual trataremos na segunda seção deste artigo. A propósito das seções, na primeira discorreremos sobre nosso objeto

de análise e na terceira, a qual precede as considerações finais, apresentaremos as análises propriamente ditas.

Acerca do objeto de análise

“O guia do sucesso e da felicidade: conselhos de sabedoria de grandes pensadores” é, como dissemos anteriormente, uma obra escrita a várias mãos, uma vez que se trata de uma organização textual em que cada capítulo possui autorias distintas. Entre os autores, estão nomes como o de Joseph Murphy, Napoleon Hill, James Allen e William Atkinson, tendo grande destaque o primeiro. As páginas *online* de venda do referido livro significam esses nomes como “pioneiros dos movimentos de autoajuda e de potencial humano”, nomes de pessoas conhecidas “por seus *best-sellers* de alto valor espiritual”, “maiores nomes da filosofia de autoajuda de todos os tempos”, etc.

A obra tem por objetivo trazer “um novo olhar a trechos escolhidos entre o melhor material já escrito sobre motivação e prosperidade”. Esses trechos escolhidos são significados como “conselhos atemporais que ainda possuem a mesma força de quando foram escritos”. Os autores desses trechos escolhidos são significados, por sua vez, como “gurus”, como os “escritores mais fascinantes, destacados e dispostos de modo a apoiar e iluminar uns aos outros”, como “gênios no tema sucesso”, como “pioneiros dos movimentos de autoajuda e potencial humano”, como escritores “inspirados por mestres da fortuna e das descobertas, como os lendários Andrew Carnegie e Thomas Edson” e como escritores que “inspiraram titãs como Henry Ford”.

O título de todos os capítulos inicia-se com a expressão “Trechos de”, seguido do título da obra de um desses escritores “gurus”, que são os mesmos que assinam a organização do livro em questão. Por exemplo, podemos mencionar o capítulo que se intitula “Trechos de *Foundation Stones to Happiness and Success* [numa tradução livre, *Pedras Fundacionais da Felicidade e do Sucesso*], cuja autoria é de James Allen. *Foundation Stones to Happiness and Success* é uma obra independente escrita pelo próprio James Allen. No capítulo de *O guia do sucesso e da felicidade*, James Allen dedica-se a comentar algumas passagens de sua obra. E assim acontece com cada um dos autores dos capítulos do livro objeto de análise neste artigo.

O livro divide-se em treze capítulos. Além do que mencionamos no parágrafo anterior, podemos citar alguns outros: “trechos de *O segredo do sucesso*”, de William

Walker Atkinson; “trechos de *Get Rich in Spite of Yourself* [em tradução livre, *Fique Rico Apesar de Si Mesmo*]”, de Louis M. Grafe; “trechos de *The Magic Ladder to Success* [em tradução livre, *A Escada Mágica para o Sucesso*]”, de Napoleon Hill; “trechos de *O poder do subconsciente*”, de Joseph Murphy; “trechos de *The Science of Success* [em tradução livre, *A Ciência do Sucesso*]”, de Julia Seton; “trechos de *How to Grow Success* [em tradução livre, *Como Cultivar/Aumentar o Sucesso*]”, de Elizabeth Towne.

Acerca do dispositivo teórico-metodológico da semântica do acontecimento

A metodologia de análise dos recortes que serão apresentados na seção posterior estruturou-se a partir do dispositivo teórico-metodológico da semântica do acontecimento, uma disciplina — como é largamente sabido — das ciências da linguagem, que tem por objetivo compreender o funcionamento semântico de acontecimentos enunciativos, os quais se materializam em enunciados (enunciados que integram textos, como sempre nos ensina o professor Eduardo Guimarães (2018)).

Inscrita numa perspectiva materialista, esse dispositivo de estudo da significação considera que ela (a significação) é um efeito da relação entre a materialidade linguística e sua exterioridade constitutiva, como a história, o social e o político. Num diálogo profícuo com a análise de discurso, o linguista Eduardo Guimarães, juntamente com sua equipe, constrói um modo de fazer semântica que leva em conta a espessura do sentido. E, para isso, o interdiscurso é um conceito que se faz sempre presente. Como afirma Guimarães (2010, p. 10), “o sentido se constitui pelo fato de a língua funcionar por ser afetada pelo interdiscurso” e “desse modo, o enunciável (o dizível) é um já-dito e, como tal, é exterior à língua e ao sujeito” (GUIMARÃES, 2010, p. 66).

Por meio do conceito de *acontecimento*, aprendemos que o interdiscurso, isto é, a memória discursiva (como nos ensina Orlandi (2007)), constitui a temporalidade do acontecimento enunciativo. Não estamos dizendo – é importante ressaltar – que o interdiscurso é a temporalidade do acontecimento, mas sim que ele constitui essa sua temporalidade. Assim, afirma Guimarães (2002, p. 11): “considero que algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. [...] O que caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza”. Nessa perspectiva, a temporalidade não é uma cronologia, um antes e um depois, uma datação. Trata-se de um presente da enunciação que, ao materializar-se e para significar-se, recorta um passado de enunciações

como seu *memorável*. O encontro do presente enunciativo com o recorte de um memorável abre para uma “latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável” (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

Para nós, neste artigo, o memorável é, pois, isso que, do interdiscurso, se deixa ver no acontecimento enunciativo, seja porque a materialidade linguística do presente remete, mais ou menos explicitamente, a um passado (de enunciações), seja porque o trabalho de descrição-interpretação do semanticista coloca em cena o modo como o interdiscurso comparece no presente do acontecimento da enunciação. Em outras palavras, para nós, o memorável é uma delimitação – um recorte – da memória discursiva (do interdiscurso, portanto) pelo presente do acontecimento enunciativo.

Nessa perspectiva, conforme nos ensina Guimarães (2002), é esse ponto de encontro entre um memorável e um presente que permite que o acontecimento enunciativo signifique. Assim, a latência de futuro (ou futuridade) é a dimensão da temporalidade enunciativa que se relaciona com o interpretável, o qual diz respeito às possibilidades de os sentidos permanecerem os mesmos ou de se deslocarem, graças à exposição da materialidade linguística ao real da língua (que é a incompletude) e ao real da história (que é a contradição).

A futuridade, como vimos acima, relaciona-se com o interpretável, mas se relaciona também com uma projeção de sentidos, a qual está intimamente ligada à argumentação. Considerando que “argumentar é dar uma diretividade ao dizer” (GUIMARÃES, 2007, p. 209), Guimarães afirma que “dado meu modo de tratar o acontecimento, vejo o fora da língua, que sustenta a argumentatividade, como algo próprio da temporalidade do acontecimento. O memorável (um passado) sustenta uma relação de orientação argumentativa e assim projeta como interpretar o futuro do texto” (*idem*, p. 211). Dessa forma, o conceito de *latência de futuro* ou *futuridade* é uma das grandes contribuições do pensamento de Guimarães para os estudos semântico-argumentativos, uma vez que a argumentação é vista como sendo própria de todo acontecimento enunciativo, e não mais característica de certos tipos de enunciados.

Além da temporalidade assim concebida, o acontecimento enunciativo constitui a cena enunciativa, que é a configuração específica dos lugares de enunciação, segundo a distribuição produzida pelo presente de um dado acontecimento da enunciação. Fazem parte dos lugares enunciativos o Locutor (representado com L maiúsculo), o alocutor-x e o

enunciador. O Locutor – o qual, ao enunciar instaura um Locutário – é aquele que a enunciação apresenta como o responsável pelo dizer; o alocutor-x – o qual instaura o alocutário-x como seu correlato na relação de alocução – é a caracterização de um lugar social do dizer, ou seja, é a representação enunciativa de que o dizer sempre se dá enquanto atravessado por um lugar social. A letra x é uma variável, que é explicitada pelo semanticista em suas análises. O enunciador, por sua vez, é um lugar de dizer, isto é, é a representação enunciativa de um lugar que apresenta o dizer como se ele não fosse atravessado sócio-historicamente. Desse modo, toda enunciação se produz porque o Locutor, ao enunciar, enuncia enquanto alocutor-x, enquanto inscrito em um lugar social. O enunciador “é um modo de o eu se apresentar na sua relação com o que se diz (o que se diz por quem se diz)” (GUIMARÃES, 2018, p. 62). É um lugar de enunciação constituído pelo atravessamento do esquecimento (pelo esquecimento número dois, nos termos de Michel Pêcheux (2009 [1975])).

Relativamente ao que acabamos de dizer sobre o enunciador, a teoria da semântica do acontecimento reconhece, até o momento, quatro enunciadores: o *individual*, o *universal*, o *genérico* e o *coletivo*. O enunciador-individual é o lugar de dizer marcado por um modo de apresentar o que se diz como um ponto de vista individual. Já o enunciador-universal é o lugar de dizer que apresenta o que se diz como universalmente válido, inquestionável, verdadeiro. O enunciador-genérico, por sua vez, é o lugar de dizer que apresenta o que se diz como “aquilo que todos dizem” (GUIMARÃES, 2002, p. 25). Finalmente, o enunciador-coletivo é o lugar de dizer que apresenta o que se diz como pertencente a uma coletividade de falantes.

Tendo em vista o que dissemos sobre a temporalidade e sobre a cena enunciativa, discorreremos acerca do que se compreende por *designação*. A designação de uma palavra ou de qualquer expressão linguística é o sentido que essa palavra ou expressão linguística possui num determinado acontecimento enunciativo. A designação é, então, um efeito produzido “como um confronto de lugares enunciativos pela própria temporalidade do acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 40). Isso quer dizer que as análises da designação de uma palavra ou de uma expressão linguística devem levar em consideração tanto a temporalidade quanto a cena enunciativa. Dessa maneira, o domínio semântico de determinação de uma palavra ou de uma expressão linguística é efeito do batimento entre essas duas instâncias produzidas pelo acontecimento enunciativo.

O que apresentamos até aqui pode ser sintetizado como sendo procedimentos de análise da produção enunciativa de sentidos que passam pela observação da “relação do locutor com o acontecimento no qual ele fala aquilo que ele fala” (GUIMARÃES, 2009, p. 50). Há, ainda, outros procedimentos de análise que envolvem observar a “relação do locutor com aquilo que ele fala” (GUIMARÃES, 2009, p. 50) e isso passa por observar a relação entre os elementos linguísticos no enunciado. Nessa perspectiva, duas formas de os elementos linguísticos relacionarem-se no enunciado é por meio da *articulação* e da *reescrituração*.

A *articulação* é a relação de contiguidade dos elementos linguísticos que integram um enunciado. Guimarães (2009) descreve três tipos de articulações possíveis: a *articulação por dependência*, a *articulação por coordenação* e a *articulação por incidência*. Pensando em nosso material de análise, podemos dizer que, em “o segredo do sucesso”, os elementos linguísticos “o”, “segredo”, “do” e “sucesso” relacionam-se por meio de uma articulação por dependência, o que quer dizer que esses elementos não possuem uma significação que lhes seja intrínseca, mas sim uma significação que se produz pelo funcionamento dessa contiguidade no acontecimento enunciativo.

Considerando o enunciado “A primeira coisa de uma vida consistente – e, portanto, verdadeiramente feliz e bem-sucedida – são os princípios corretos”, vemos aí que “a primeira coisa de uma vida consistente” e “portanto, verdadeiramente feliz e bem-sucedida” articulam-se por coordenação. Como essa relação de coordenação é feita no acontecimento enunciativo, elas determinam-se mutuamente.

Finalmente, em “Para resumir, o método produz essa suavidade que combina com força e eficiência”, o “para resumir” articula-se *por incidência* ao restante do enunciado. Essa incidência é “uma relação entre um elemento e outro sem uma relação de dependência estabelecida”. Nesse caso, a incidência produz um efeito de sentido de síntese, em que um elemento apresenta o outro como a síntese de um conjunto de pensamentos asseridos anteriormente.

Uma outra maneira de os elementos linguísticos relacionarem-se no enunciado é, como já dissemos, por meio da *reescrituração*. Na semântica do acontecimento, a reescrituração é o procedimento que “consiste em se redizer o que já foi dito” (GUIMARÃES, 2009, p. 53). Há diversas maneiras de a reescrituração acontecer. Segundo Guimarães (2009), ela pode se dar *por repetição*, *por substituição*, *por elipse*, *por expansão*, *por condensação* e *por definição*. Não nos concentraremos, neste momento, em

exemplificar cada uma dessas formas de a reescrituração ocorrer. Além de poder recorrer a outros textos da área de semântica do acontecimento, o leitor poderá compreender esse funcionamento enunciativo à medida que ele aparecer nas análises que apresentaremos a seguir.

Análises

Iniciamos nosso percurso analítico descrevendo e interpretando alguns fatos de linguagem que estão postos já no título da obra, qual seja (apenas para lembrar), *O guia do sucesso e da felicidade: conselhos de sabedoria de grandes pensadores*.

Observamos que “sucesso” e “felicidade” figuram juntos no título da obra, graças à articulação por dependência existente em “o guia do sucesso e da felicidade”. É essa articulação por dependência que permite tomar “sucesso e felicidade” como um único elemento, nos termos de Guimarães (2009). De antemão, pode-se dizer que a designação de “felicidade” passará por aquilo que “sucesso” designa.

Apesar dessa articulação no plano da contiguidade enunciativa, do ponto de vista semântico, é interessante considerar, também, que “sucesso” precede “felicidade”, o que pode nos dar pistas a respeito do que “felicidade” designa no acontecimento enunciativo do texto analisado.

Ao longo de todo o livro, essa mútua determinação entre “sucesso” e “felicidade” vai se reescrevendo, como acontece no título do capítulo “Trechos de *Foundation Stones to Happiness and Success*”. É interessante notar, contudo, que a forma linguística “felicidade” é muito pouco reescriturada por outros títulos de capítulo. Vemos isso acontecer, por exemplo, em “Trechos de *The Joy of Living*” [tradução livre, *A Alegria de Viver*], no qual “Joy of Living” seria uma reescrituração por expansão de “felicidade”, produzindo um sentido de que “felicidade” designa, também, “alegria de viver”.

A forma linguística “sucesso”, ao contrário, é a que mais se relaciona, por meio da reescrituração, com outras formas linguísticas. Isso se observa seja por meio de uma reescrituração por repetição – tal como em “Trechos de *The Science of Success*”, “Trechos de *The Magic Ladder to Success*”, “Trechos de *O segredo do sucesso*”, “Trechos de *How to Grow Success*” –, seja por meio de reescriturações por substituição – tais como em “Trechos de *The Key to Prosperity* [em tradução livre, *A Chave para a Prosperidade*]” e “Trechos de *Get Rich in Spite of Yourself*” – em que “prosperidade” e “ficar rico” estão

muito mais para reescrituras de “sucesso” do que de “felicidade”. Nessa perspectiva, visualizamos o seguinte domínio semântico de determinação:

DSD 1

prosperidade — ficar rico

⊥

SUCESSO

No DSD 1, consideramos que “prosperidade” e “ficar rico” funcionam sinonimicamente, determinando, desse modo, “sucesso”. Isso permite uma primeira paráfrase:

Paráfrase 1

Ter sucesso é ter prosperidade, ficar rico.

A paráfrase 1 deixa ver o recorte de um memorável que pode ser explicitado em termos de “a prosperidade e a riqueza são atributo de indivíduos bem-sucedidos”. É a constituição de um passado enunciativo como esse que permite que se instale uma futuridade que direciona, desde o título da obra, os sentidos de “sucesso” e de “felicidade”.

No texto de introdução à obra, esses dois termos são postos em relação, graças, novamente, a uma articulação por dependência. Podemos mencionar:

Recorte 1

“Não há assuntos mais interessantes do que o Sucesso e a felicidade. São assuntos que dizem respeito a todos, em qualquer lugar do mundo. São discutidos, talvez, mais do que qualquer outro. Se pesquisarmos no Google as palavras ‘sucesso’ e ‘felicidade’, aparecerão mais de 58 milhões de entrada”.

Recorte 2

“Sucesso e felicidade não se referem exclusivamente a bens materiais, apesar de muitos terem apenas isso como parâmetro. Ter sucesso e felicidade é simplesmente conseguir o que se quer na vida”.

Esses dois recortes reescreveram por repetição “sucesso” e “felicidade” na mesma ordem em que aparecem no título do livro, isto é, “sucesso” precede “felicidade”. Assim, diante do que expusemos acima, pode-se dizer que “sucesso” determina semanticamente “felicidade”, permitindo a seguinte paráfrase:

Paráfrase 2

Felicidade é ter sucesso.

Essa segunda paráfrase permite-nos considerar um DSD que se estrutura do modo a seguir:

DSD 2

sucesso
┆
FELICIDADE

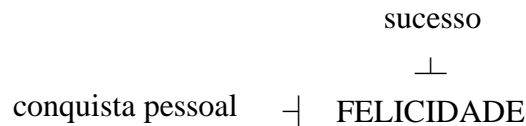
O DSD 2 permite-nos uma interpretação que considera que o sentido de “felicidade” tem o contorno de “ter sucesso”, sabendo que “sucesso” designa “ter prosperidade”, “ser rico”.

O recorte 2 coloca em cena um enunciado-definição, qual seja, “Ter sucesso e felicidade é simplesmente conseguir o que se quer na vida”, o qual traz mais um elemento para nossa análise.

Por meio da cópula, que associa “conseguir o que se quer na vida” a “ter sucesso e felicidade”, há a configuração de uma relação de articulação por dependência, que faz com que “conseguir o que se quer na vida” seja um atributo de “ter sucesso e felicidade”. Assim, essa articulação coloca em cena a dimensão do individual se impondo tanto na designação de “felicidade” quanto na de “sucesso”, em detrimento do apagamento de outras dimensões, como a do social e a do político. Em outras palavras, a felicidade, tal

como o sucesso, é da ordem do individual (“conseguir o que se quer na vida”) e não da do social ou do político. Com isso, podemos adicionar um outro elemento ao domínio semântico de determinação de “felicidade”, conforme o que temos abaixo:

DSD 3



No terceiro DSD, nossa interpretação analítica levou-nos a reescrever “conseguir o que se quer na vida” por “conquista pessoal” e a considerar, tendo em vista o nosso objetivo específico, essa reescrituração como uma determinação apenas de “felicidade”, apesar de “sucesso” também ser determinado por “conquista pessoal”. Essa opção procurou ressaltar que a designação de “felicidade” é constituída por um sentido individualista/individualizante, que se deixa ver tanto em “conquista pessoal” quanto em tudo o que consideramos para a designação de “sucesso”, no DSD 1.

Vejamos como isso vai se confirmando quando analisamos outros recortes do texto.

Recorte 3

“Sucesso e felicidade dependem do que a pessoa quer, e como todos nós queremos ser bem-sucedidos e felizes de várias maneiras, o sucesso e a felicidade são coisas muito relativas”.

Recorte 4

[...] “aqui está o segredo do sucesso: nas pautas de sua própria individualidade”.

Recorte 5

“Se você pensa que está derrotado, você está; / Se pensa que não pode, você não pode; / Se gostaria de vencer, mas acha que não consegue, é quase certo que não vai ganhar; / Se pensa que vai perder, já perdeu, / Pois pelo mundo você descobrirá... / Que o sucesso começa com um companheiro disposto — / Está tudo no estado de espírito.”

Os recortes três, quatro e cinco colocam em cena os sentidos que ratificam a direção argumentativa que incide sobre a designação de “felicidade”. Propomos reescrever “dependem do que a pessoa quer”, do recorte 3, por “satisfação pessoal” e tudo o que está no recorte 5 por “atitude pessoal”, uma vez que o recorte apresenta uma argumentatividade que encaminha para uma questão atitudinal individual. No recorte 4, temos a forma linguística “individualidade”, que será mantida na análise, já que sintetiza muito bem a relação de sentidos que determina “felicidade”. Assim, temos:

DSD 4



Esse conjunto de determinações corrobora a interpretação de que a felicidade é da ordem do individual, não sendo, pois, resultado das condições de funcionamento do social e do político numa dada formação social. Assim, “satisfação pessoal” e “atitude pessoal” apontam para uma ação individual, ou seja, uma postura mental e comportamental que deve ser adotada pelo indivíduo para ter felicidade e sucesso. Com relação a “individualidade”, a presença dessa forma linguística, no acontecimento enunciativo do texto em análise, aponta para uma espécie de síntese do que foi mostrado anteriormente, embora não o recubra completamente, daí nossa opção em dispor o DSD 4 da maneira como está. Podemos dizer que “individualidade” aponta para a unicidade do caminho, para cada indivíduo, rumo à felicidade e ao sucesso.

O presente do acontecimento enunciativo, pelo que nos mostra o DSD 4, recorta, como seu passado, um memorável psicologizante, que nos permite considerar que a designação de “felicidade” é atravessada por sentidos que se inscrevem na intersecção de dois discursos, o do neoliberalismo e o do comportamentalismo. É nessa região de sentidos interseccional que “felicidade” é significada, já que tanto o neoliberalismo quanto o comportamentalismo/behaviorismo colocam ênfase na responsabilidade individual e na capacidade de controle do comportamento. Para o neoliberalismo, é responsabilidade do

indivíduo seu sucesso (e felicidade) ou fracasso econômico, assim como, para o comportamentalismo, o comportamento do indivíduo é moldado por meio de reforços e punições.

O próximo recorte permite-nos observar um outro modo pelo qual esse discurso neoliberal-comportamentalista se materializa por meio do presente do acontecimento enunciativo. Vejamos:

Recorte 6

“Agora, se você reduziu seus desejos à sua última essência e ainda existem vários, em vez de um, divida seu tempo entre eles de forma mais sábia possível. [...] Suponha que você tenha um problema de encanamento do qual não se pode livrar agora. E você quer muito oportunidades musicais. E você deve ter saúde e dinheiro. Pois bem, há três coisas que você quer: oportunidades musicais, saúde e dinheiro; e aquele problema de encanamento que você deve resolver. E os últimos serão os primeiros. Dedique todo o tempo e pensamento necessários ao problema do encanamento. [...] Defina um tempo para isso. A seguir, defina outro tempo, para estudar música, outro, para a saúde, exercício físico e concentração, e outro, ainda, para se concentrar no dinheiro.”

O sexto recorte apresenta-nos um outro modo de a argumentação estruturar-se. Além de enunciados declarativos, tais como os que estão presentes nos recortes anteriores, aqui vemos a predominância de enunciados imperativos, visto que a maioria dos verbos está conjugado no modo imperativo. Essas formas linguísticas imperativas são possíveis graças à configuração da cena enunciativa que vemos nesse acontecimento enunciativo. Há um Locutor agenciado em alocutor-guru que se dirige a um alocutário que nomearemos de alocutário-dependente ou alocutário-afilito. Nessa configuração da cena, uma relação de interlocução não é possível, visto que ela está interdita. Isso aponta para um contorno autoritário dessa argumentação, no interior da qual a designação de “felicidade” constitui-se. Esse contorno autoritário do discurso neoliberal-comportamentalista encerra qualquer possibilidade de diálogo, restando ao indivíduo que quer felicidade (e sucesso) seguir ou não seguir aquilo que ensinam os gurus.

Ao lado desse memorável psicologizante, um outro tipo de memorável comparece, o místico, que é próprio de um discurso que chamaremos de *teológico*. Optamos por nomear de “místico” um conjunto de sentidos que integra o discurso

teológico e que explicita a ideia de um ente divinal impessoal, esotérico, filosófico. Vejamos os seguintes recortes:

Recorte 7

“Traga todos os seus pensamentos, desejos, objetivos e talentos para o depósito — que é a consciência do bem, a lei da oferta infinita — e prove essas bênçãos. Existem todas as razões para saber que você tem direito à provisão adequada, e isso tudo está relacionado ao pensamento. Agora, abra sua mente e tente compreender o pensamento ilimitado, o suprimento ilimitado”.

Recorte 8

“Não pense que o suprimento deve vir por um ou dois canais. Você não deve ditar à Mente Universal por qual caminho ela deve enviar suas dádivas”.

Os recortes sétimo e oitavo apresentam uma argumentação que se estrutura de maneira semelhante ao que vimos nos recortes anteriores. Entre enunciados declarativos, há a predominância de verbos conjugados no modo imperativo, o que aponta para um *dever-fazer* que não se discute. Há a mobilização de um elemento místico – o “depósito –, o qual funciona como um argumento de autoridade para isso que não se discute.

Por meio de reescrituras por substituição – “a consciência do bem”, “a lei da oferta divina”, “pensamento ilimitado”, “suprimento ilimitado”, “Mente Universal” –, vai-se delinear para o indivíduo a possibilidade de acessar uma fonte inesgotável de provisões por meio de seus “pensamentos, desejos, objetivos e talentos”. Há, assim, mais uma vez, o apelo à individualidade, que se mostra, por exemplo, em “você tem direito à provisão adequada, e tudo está relacionado ao pensamento”. Nessa perspectiva, o pensamento de cada indivíduo pode acessar, se assim desejar, essa provisão ilimitada, fonte de suprimento de todas as necessidades.

O acontecimento enunciativo dos recortes que ora analisamos deixa ver marcas de um discurso teológico que compartilha uma mesma região de sentidos com o discurso neoliberal-comportamentalista. O acesso ao “depósito”, ao “suprimento ilimitado” é, ao mesmo tempo, um merecimento e uma responsabilidade do indivíduo. É preciso atitude individual, a qual se mostra em “traga todos os seus pensamentos, desejos, objetivos e talentos para o depósito”, em “agora, abra sua mente e tente compreender”, em “não pense

que o suprimento deve vir por um ou mais canais”. Podemos dizer que a abundância depende de uma mudança na forma de pensar.

O memorável místico mostra-se, no presente do acontecimento enunciativo, como o recorte de enunciações que atestam a existência de uma dimensão anterior e superior ao indivíduo. Essa dimensão não se constitui por fatos observáveis, falsicáveis, analisáveis cientificamente; ao contrário, é constituída pela ordem do crível (ou se crê, ou não se crê). Não à toa vemos, recorrentemente, em textos do gênero autoajuda, estruturas do tipo “o segredo para x é” — em nosso caso, “o segredo para a felicidade é x” —, nas quais o significante “segredo” é o elemento organizador da argumentação.

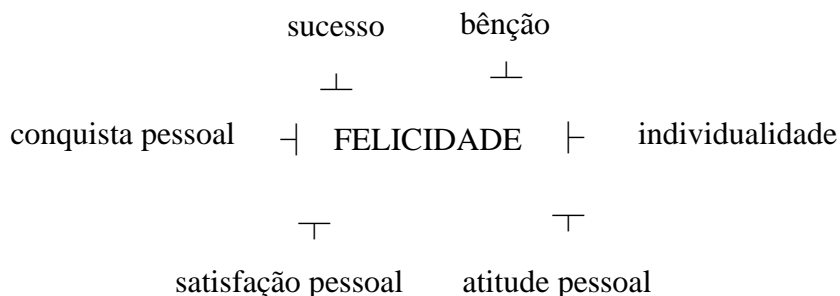
Diante desses dois recortes, propomos a seguinte paráfrase:

Paráfrase 3

Para alcançar a felicidade, abra sua mente para a abundância infinita, que é uma bênção.

A paráfrase acima permite observarmos que a felicidade é resultado de uma ação individual remetida a um domínio místico. A forma linguística “bênção” é a principal representante desse referido domínio místico e é ela que entrará como uma nova determinação semântica de “felicidade”, de forma a dar visibilidade a esse sentido dadivoso que atravessa a designação dessa palavra no acontecimento enunciativo do texto analisado.

DSD 5



Como dissemos, “bênção” determina semanticamente “felicidade”, já que a felicidade é uma bênção. Optamos por inseri-la no DSD 5 porque ela é a materialização desse algo inexplicável, superior e anterior ao indivíduo. Ao mesmo tempo, ela dá pistas de

ligar-se muito bem ao discurso neoliberal-comportamentalista, uma vez que ela só é dada aos que merecem, aos que apresentam certas atitudes pessoais. “Bênção” relaciona-se, de certo modo, com “sucesso”, já ambas determinações estão ligadas a uma ideia de abundância, de prosperidade.

Recorte 9

“O Senhor ajuda a quem ajuda a si mesmo’ é uma verdade antiga”.

O recorte acima é composto por um enunciado, o qual explicita um outro contorno do discurso teológico. Dessa vez, “Senhor” recorta um memorável cristão, o que põe em cena uma diferença com relação aos recortes anteriormente analisados. Nos recortes anteriores, o discurso teológico materializa-se por meio de formas linguísticas que significam por recortarem um memorável metafísico, ligado a uma história de sentidos esotéricos; o ente superior e anterior ao indivíduo possui um funcionamento impessoal, que se mostra pelas nomeações que recebe, tais como “Mente Universal”, “depósito”, “pensamento ilimitado”, “suprimento ilimitado”. No recorte ora em análise, a atualização de um memorável cristão pelo presente do acontecimento coloca em cena uma construção enunciativa que caracteriza a existência de um ente superior e anterior ao indivíduo que possui um funcionamento pessoal, “à semelhança do ser humano”, monoteísta.

A estrutura do enunciado permite rememorar um outro, constantemente repetido, qual seja, “Deus ajuda quem cedo madruga”. Apesar de haver, no recorte nono, um contorno semântico cristão, em termos argumentativos, esse contorno é atravessado pela região de sentidos do discurso neoliberal-comportamentalista. A ajuda divina só vem àqueles que “fazem por merecer”. Novamente, vemos uma responsabilização individual pela abundância divina. “Quem ajuda a si mesmo” é a máxima atitudinal; é a condição para acessar os provimentos divinos em busca de uma satisfação pessoal.

Uma outra regularidade diz respeito à cena enunciativa. Articular “o Senhor ajuda a quem ajuda a si mesmo” a “é uma verdade antiga” permite observar um enunciador-universal, que se mostra também nos demais recortes. Há, inclusive, um deslocamento interessante aí: normalmente, quando se enuncia “o Senhor ajuda a quem ajuda a si mesmo” ou “Deus ajuda quem cedo madruga”, vemos o funcionamento de um enunciador-genérico. Por meio da articulação que se observa em 9, passamos a ter um enunciador-

universal, que é um lugar de enunciação que sustenta a argumentação de um alocutor-guru, lugar de enunciação socialmente autorizado a enunciar uma verdade.

A eficácia argumentativa de um texto de autoajuda como esse que estamos considerando reside, como afirmamos em outros momentos, na configuração da cena enunciativa. Retomamos, à guisa de conclusão das análises, alguns pontos já tratados ao longo do percurso analítico traçado. O Locutor, agenciado em alocutor-guru, enuncia a um Locutário agenciado em alocutário-dependente, ou alocutário-aflito. Essa relação desigual de forças entre um alocutor-guru e um alocutário-dependente/aflito é o que explica todas as relações de determinação semântica apresentadas anteriormente, além de ser o que explica isso que nomeamos de eficácia argumentativa do texto de autoajuda. A enunciação do alocutor-guru alinha-se a sentidos que interpelam facilmente o alocutário que ela projeta, aquele que precisa de ajuda para superar seus obstáculos. Assim, sentidos relacionados ao individualismo, ao sucesso pessoal e à superação aparecem nessa enunciação. Ademais, a sustentação de um lugar de autoridade ao alocutor-guru frente ao alocutor-dependente/aflito permite que o primeiro enuncie “fórmulas” de sucesso e felicidade ao segundo, inclusive permitindo que o faça de maneira autoritária, sem abrir espaço para uma interlocução.

Considerações finais

A partir dessas reflexões, foi possível observar como os sentidos de “felicidade” na obra *O guia do sucesso e da felicidade: conselhos de sabedoria de grandes escritores* é determinado hegemonicamente por uma enunciação místico-psicologizante, que apaga o social e o político das condições de produção da felicidade e localiza no indivíduo a responsabilidade pela obtenção da felicidade e do sucesso. O indivíduo é, assim, imaginariamente retirado do social, uma vez que “a chave de tudo é nosso pensamento, e só poderemos mudar nossa experiência de vida quando substituirmos as ideias antigas e limitadas por outras novas e mais abrangentes”.

Por meio de uma concepção de argumentação que não se restringe a uma apresentação de fatos para a sustentação de um ponto de vista, mas sim como uma diretividade do dizer, resultado da instalação da temporalidade pelo acontecimento enunciativo, conforme se observará no parágrafo a seguir, vimos como o discurso de autoajuda, tal como materializado no texto analisado, designa “felicidade” como sendo

algo alcançável exclusivamente por meio de mudanças internas, operando, com isso, um movimento de apagamento do político e do social, como se a felicidade (e o sucesso) não fosse um produto das condições sociais, históricas e políticas em que os indivíduos estão inseridos. O Locutário constituído pela enunciação do Locutor é, assim, a figura enunciativa convocada a aceitar a lógica neoliberal, que significa a felicidade como um direito privado e um merecimento individual.

Nestas considerações, gostaríamos, por último, de apontar para uma questão que a célebre definição de acontecimento enunciativo, dada por Guimarães (2002) coloca. O autor nos ensina que um acontecimento de enunciação é aquilo que faz diferença na sua própria ordem, e essa diferença reside na constituição de uma temporalidade, que não é uma cronologia. Assim, a temporalidade, instalada pelo presente do Locutor que enuncia, é o que caracteriza um acontecimento. Nessa perspectiva, a temporalidade é estruturante da argumentação, designação e textualidade de um texto. Como vimos nas análises, um presente – que não só instala a temporalidade, como dissemos, mas que também deflagra uma cena enunciativa –, juntamente com um passado – que é um recorte particular e, digamos, especializado do interdiscurso – e um futuro – que é a dimensão do interpretável a partir do encontro de um presente e um passado enunciativos – dão suporte material à relação de sustentação do dizer de um eu para um tu (argumentação), um conjunto de determinações semânticas de acordo com os lugares de enunciação que se ocupa na cena (designação) e um conjunto de elementos linguísticos que, imaginariamente, forma um todo (textualidade).

Referências

G1. **84% da população adulta do Brasil não comprou nenhum livro no último ano, aponta pesquisa.** Pop & Arte, 7 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/12/07/84percent-da-populacao-adulta-do-brasil-nao-comprou-nenhum-livro-no-ultimo-ano-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2024.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica: enunciação e sentido.** Campinas: Pontes, 2018.

_____. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem.** 4. ed. Campinas: Editora RG, 2010.

_____. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Caderno de estudos linguísticos**, Campinas, n. 51(1), p. 49-68, jan./jun. 2009.

_____. **Texto e argumentação:** um estudo de conjunções do português. 4. ed. revista e ampliada. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **Semântica do acontecimento:** um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. Produção e vendas do setor editorial brasileiro: ano-base 2023. Disponível em: https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2024/06/producao_e_vendas_anobase_2023.pdf. Acesso em: 24 nov. 2024.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.